

Remake faz do
1º 'Matador de
Aluguel' um cult

PÁGINA 4



Caio Prado
assume lado pop
em novo álbum

PÁGINA 2



Sete livros
para entender
Stephen King

PÁGINA 7



2º CADERNO



Fotos/Divulgação

PONTE MUSICAL COM AS BENÇÃOS DE ZUZA

Orquestra portuguesa de jazz grava músicas brasileiras selecionadas por Zuza Homem de Mello num de seus últimos trabalhos

Por **Affonso Nunes**

Navegar pelas plataformas de música pode render grandes descobertas como, por exemplo, o álbum "Músicas Brasileiras, Músicos Portugueses", uma iguaria sonora lançada aqui e na terrinha pelo selo Biscoito Fino. O projeto da Orquestra Jazz de Matosinhos, cidade ao Norte de Portugal, teve curadoria do musicólogo, jornalista, radialista e produtor musical Zuza Homem de Mello (1933-2020), um de seus últimos trabalhos.

Zuza, com seu vasto conhecimento da música brasileira, selecionou o repertório e recrutou arranjadores brasileiros de peso como por Antonio Adolfo, Mario Adnet, Letieres Leite (1959-2021), Nelson Ayres e Naylor Proveta.

"Músicas Brasileiras, Músicos Portugueses" começou a



ser concebido em 2018. É o bendito fruto de uma serie de encontros entre amantes de arquitetura, arte e musica dos dois países. No repertório, clássicos como "Corcovado", "Wave" (Antônio Carlos Jobim), "Carinhoso" (Pixinguinha), "Nana (Coisa nº 5)" (Moacir Santos), "Linha de Pas-

se" (Joao Bosco) e "Canto Para Nanã" (Dorival Caymmi).

O álbum deriva de um concerto da big band portuguesa dirigida por Pedro Guedes, com a participação do baterista Kiko Freitas (eleito o melhor do mundo na categoria de World Music da revista americana Modern Drummer, em 2019). E o percussionista baiano Gabi Guedes (integrante da Orquestra Rumpilezz) participou da gravação do álbum em estúdio.

No encarte que acompanha a edição física do álbum duplo (que será editada posteriormente), Zuza escreveu: "Agora, muito orgulhosos, oferecemos um concerto único com o poder do jazz se alastrando por entre lusos e brasileiros. Esse leque da música instrumental brasileira, de épocas e estilos distintos, resume um concerto absolutamente inusitado que a Casa da Arquitetura de Matosinhos tem a primazia de realizar". E o Mestre Zuza sempre tinha razão.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Guerra entre Theperson (de chapéu) e Wirtti

Antônio Guerra Trio faz circuito Sesc em quatro unidades

Depois de lotar a Sala Cecília Meireles e passar pelo Museu de Arte do Rio, por Londres e por um festival de jazz em Buenos Aires, o Antônio Guerra Trio fará quatro apresentações no circuito Sesc: nesta segunda (2) na unidade Tijuca; no sábado (5) em Teresópolis; no dia 9, em Copacabana; e, em 12 de abril, no Sesc Barra Mansa.

“Ter um trabalho autoral com piano, baixo e bateria sempre foi um sonho. Estes instrumentos são raízes um do outro e juntos. O encontro deste carioca com Guto o gaúcho Wirtti e o paraneense Cassius Theperson me faz sentir nesta sucinta formação a grandeza de nosso país e nossa utópica capacidade de diálogo”, diz Guerra.

Música no Museu

O projeto Música no Museu segue nesta terça-feira (2) no Arte Sesc (Rua Marquês de Abrantes, 99, Flamengo), às 18h, com apresentação do Trio Laetare, formado por Pierre Jatobá (oboé/corne inglês), Paulo Azevedo (violino) e Gabriel Lucena (violão).

Sem convites

Diogo Vilela reclama de não ser lembrado por autores de novelas da Globo. Ele está fora dos folhetins desde “Aquele Beijo” (2011), última novela da Miguel Falabella. Lembra que sempre conciliou em sua carreira com diversos trabalhos.

Sinal aberto

Entre os dias 2 e 8, o Telecine abre o sinal de seus seis canais de filmes nas operadoras Claro, Oi, SKY e Vivo, e nos serviços de streaming Claro TV+ e SKY+. O destaque da programação é a estreia de “Minha Irmã e Eu”, campeão nacional de bilheteria.

Intercâmbio

A Ava Galleria comemora os dez anos do Ava Art Festival com exposição sobre o papel e a arte japonesa, em Varkaus (Finlândia), com curadoria de Edson Cardoso. Artistas brasileiros e finlandeses depois seguem para Osaka (Japão).

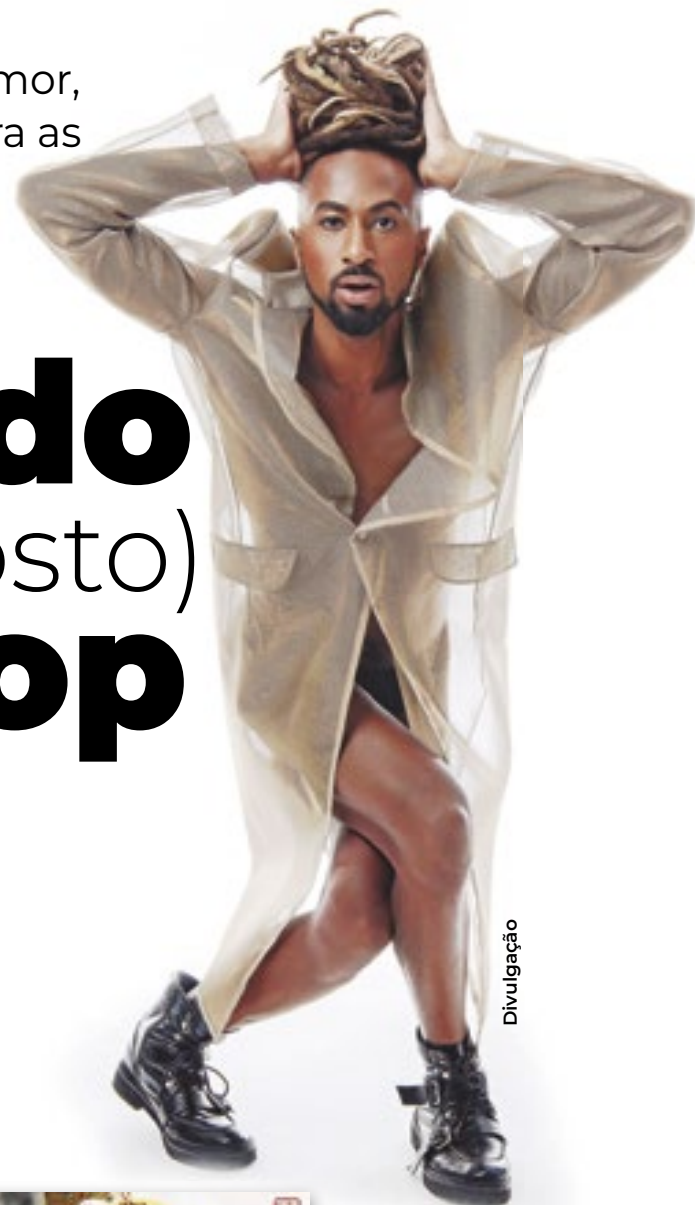
“É música pra fazer amor, pra tocar na pista, para as pessoas dançarem”, diz Caio Prado sobre seu novo disco

Caindo (com gosto) no pop

“Caio em Ti”, terceiro e aguardado disco de Caio Prado, já nas plataformas, é uma guinada radical na trajetória do cantor e compositor carioca conhecido por suas músicas de luta, como o “hino” LGBTQIA+ “Não Recomendado” - gravado por Elza Soares - e “Não Sou teu Negro”, interpretada ao lado de Alcione. E o faz de peito aberto, como na capa em que aparece com flechas no corpo como um São Sebastião contemporâneo.

Em seu primeiro lançamento pela gravadora Deck, Caio surge mais solar, mais pop, abrindo espaço para falar de temas como amor, sexo, praia, futebol e outros assuntos de seu universo. “É música pra fazer amor, pra tocar na pista, para as pessoas dançarem, ainda que tenha letra que fale da desigualdade social, o que fica é a alegria de viver porque esse é um disco muito feliz”, comenta Caio, artista com as lutas antirracistas e pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+ em seu DNA.

A sonoridade do álbum traz elementos de uma nova música popular brasileira que ressurgiu flertando com vários estilos musicais. Umberto Tavares - produtor musical do álbum em coprodução com o time Mousik - define “Estranho”, uma das faixas, como um estilo que marca o cenário musical: MPB FUNK.



Divulgação



“Tem muitas experimentações minhas, cantando em vários registros, mais grave, mais agudo, mais vibrato, sendo mais livre, sem amarras, sem demandas” - explica Caio.

Assim também foi com as composições. Ao invés de um álbum 100% autoral, como os dois últimos, Caio escreveu as músicas com vários parceiros, como Doralyce, que faz participação em uma das faixas, Luthuly, Umberto Tavares, Jefferson Junior, Tiago Silva e também composições ao lado dos produtores Marcelo Delamare e Theo Zagrae, que assinam composições e assinam a pré produção musical do álbum.

Expondo suas verdades além que se imagina dele, Caio Prado derrama sua poesia, canto e ousadia na busca de outros ares para as músicas numa tentativa válida de fazer com que elas e, por tabela, o conjunto de sua obra cheguem a novos cantos do Brasil.

“Trazer essa produção musical pro meu disco explodiu a bolha que eu caminhava e me trouxe de volta para uma essência perdida lá de Realengo (bairro onde Caio nasceu e cresceu), onde sou cria do funk e pagode. É um disco pra ser compreendido por todes, sem rebuscar conceitos e me dando de peito aberto ao popular”.

Além do Funk, a MPB brinca com o R&B, como em “Sem demandas”, faixa foco do disco, além de Afrobeat, pagode e tudo que há de mais contemporâneo musicalmente.

'Fui amiga dela até quando ela permitiu'

Zélia Duncan conta que cantar nos Mutantes em 2006 acabou por afastá-la da amiga Rita Lee

Zélia Duncan e Rita Lee dão voz à famosa música "Pagu", gravada em 2000, mas a parceria não durou durante todo o tempo em que as duas conviveram no cenário musical. A cantora falou sobre o rompimento com a rainha do rock, que morreu em 2023, após entrar para a banda Mutantes, em 2006.

Em entrevista a Tati Bernardi no podcast *Desculpa Alguma Coisa*, Zélia Duncan relembrou o convite para participar dos Mutantes,

feito por Sergio Dias, guitarrista da banda, e por Arnaldo Baptista. A cantora contou que antes de aceitar o convite, consultou a amiga Rita Lee, que havia sido expulsa da banda ainda nos anos 70.

"Jamais desejei cantar nos Mutantes. Não sou louca. Olha a minha voz, olha a voz da Rita, uma grave, outra aguda. Ele (o Sérgio) me convidou para cantar com a banda em Los Angeles, Nova York e São Francisco. Fiquei desesperada. Convidaram a Rita, ela não quis. E estavam procurando uma



Divulgação GNT

Zélia Duncan conta que Rita Lee foi a primeira cantora que curtiu quando menina

cantora", disse Zélia.

A cantora disse que Rita concordou com a sua entrada no grupo: "Peguei o telefone, ela atendeu, e eu disse: 'Rita, recebi esse convite, mas quero saber como é

para você. Porque se for estranho para você, realmente eu não vou'. Ela esperou uns três segundos e falou essas palavras: 'Vai, você vai se divertir com os manos'. Contudo, o clima de amizade não perdurou:

"Ela falou 'vai', e eu fui. Alguns meses depois, ela foi sumindo, sumindo, e sumiu de mim. Parou. Tentei, até um certo ponto, óbvio que respeitei".

Zélia lamentou o rompimento da amizade e lembrou a gravação de "Pagu", música que muito a orgulha. "Cantei com a Rita várias vezes em shows dela, e para mim, era uma imensa honra. E a gente se falava, passamos um monte de coisas legais. Eu conheci a Rita quando gravei o 'Lá Vou Eu'. Quando teve o Prêmio da Música Brasileira, ela era homenageada, e ela me chamou para cantar". "E a Rita foi o meu primeiro ídolo. Com 12 anos, pedi para a minha mãe o primeiro vinil, que era 'Fruto Proibido'", desabafou.

Zélia falou sobre como se sentiu na época: "Doeu. Doe. Dói, dói até hoje. A vida se impõe, e eu vou prestar homenagem para a Rita até eu morrer". "Sou muito tranquila em relação ao que eu podia fazer. Acho que fui amiga dela até quando ela permitiu", disse.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Por toda a eternidade

"You will be mine for eternity..." ("Você será meu por toda a eternidade..."). Assim canta St. Vincent em "Flea", single que antecipa o sétimo álbum de estúdio da artista americana, que chega ao mercado em 26 de abril. Com St. Vincent nos vocais e todos os instrumentos, exceto a bateria e o baixo — tocados, respectivamente, por Dave Grohl (Foo Fighters) e Justin Meldal-Johnsen (e-Nine Inch Nails) —, "Flea" é desejo cru manifestado sobre uma base de grooves estrondosos e guitarras em brasa.

Divulgação



Divulgação



Encontro de gerações

Rodrigo Braga revisita o passado para mirar o futuro no single, "Ancestrais". E recebe a participação das vozes do MPB4, grupo raiz e semente da música brasileira. "Conheço Miltoninho desde o começo dos anos 2000 e sempre sonhei em convidá-los pra uma participação, mas não tive coragem de entrar em contato pra convidar. Ano passado, entendi que era o melhor momento pra isso e entrei em contato com ele. A presença do MPB4 na faixa, ressalta esse encontro de gerações, que por força do destino fluem na mesma direção, como afluentes do mesmo rio", diz Rodrigo, que criou os arranjos vocais da faixa que será lançada no próximo dia 12.

Divulgação



Experimentalismo

Gui Flowerz mistura trap, indie rock e ritmos eletrônicos em um convite para aproveitar a vida em sua totalidade na nova versão de "Moonlight". Em parceria com o baterista Bona e sua verve percussiva única, "Moonlight 2.0" chega com um clipe dirigido por Thiago Roma. Gui Flowerz é a identidade solo de Guilherme Ferraz, produtor, compositor, músico e beatmaker que nasceu no interior de São Paulo e se mudou para a Califórnia. Neste projeto, ele explora diferentes sonoridades, que vão do rock psicodélico ao pop eletrônico, passando pelo rap e pelo R&B.

Remake de 'Matador de Aluguel' vira 'O' hit atual do streaming, fazendo do thriller de 1989 estrelado por Patrick Swayze um título cult

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Do outro lado da vida, o astro de "Ghost", Patrick Swayze (1952-2009) vem sendo lembrado por um outro de seus sucessos, que ganha um status inusitado de cult 35 anos depois de seu lançamento: "Matador de Aluguel" ("Road House", 1989). Sua transmissão na TV Globo, em 1993, só fez ampliar sua fama, com Ricardo Schnetzer dublando o protagonista no Plim-Plim.

O que traz essa narrativa de volta ao debate público é um eletrizante remake, rodado por Doug Liman, que virou um dos títulos de maior sucesso na Amazon Prime. Jake Gyllenhaal (numa boa dublagem de Felipe Grinnan) assume o papel que foi de Swayze nos anos 1980, quando era possível regar um thriller de tapas na cara com sexo e muita nudez. O erotismo de outrora foi barrado na versão de Liman, pelas patrulhas ideológicas do presente. Mas a pancadaria rola solta, ainda mais feroz.

Atração do festival SXSW, realizado no Texas, o longa-metragem arranca de Gyllenhaal um primor de desempenho no papel do ex-craque do MMA Dalton. Temido por excesso de brutalidade, o que lhe valeu um crime nas costas, ele é chamado para ser o segurança de um bar na Flórida

Tapa na cara do tempo



Divulgação

A partir do remake pilotado por Doug Liman, a versão original de 'Matador de Aluguel' (1989), com Patrick Swayze (abaixo), despertou o interesse do público cinéfilo nas plataformas de streaming



Divulgação

- ainda que as locações tenham sido na República Dominicana. A opção de virar leão de chácara

faz dele objeto do desafeto do chefe do crime Brandt (papel de Ben Magnussen) e do xerife local,

chamada violência gore, um filão que se torna cada vez mais rentável.

O gore é um conceito inerente ao terror, tipo a franquia "Terrifier" (do palhaço Art), no qual sangue e tripas se espalham pela narrativa, das formas mais inusitadas e grotescas, beirando a pornografia de brutalidade. É a fórmula que se encontrou em janeiro deste ano no êxito pop "Beekeeper", com Jason Statham, produção de US\$ 40 milhões cuja receita foi de US\$ 152 milhões.

Apoiado numa dionisiaca fotografia de Heny Baham e numa vertiginosa montagem, editada por Doc Crotzer, o "Matador de Aluguel" de Liman supera o que havia de sangrento em sua matriz, lá de 89, e se equipara à selvageria do supracitado longa com Statham.

Gyllehaal injeta fúria a um enredo avesso à moral castradora que impera na indústria do entretenimento, resgatando um espírito de vigilantismo que só existia no Charles Bronson (1921-2003) dos anos 1970 e 80. A retidão inquebrantável dele evoca os samurais de Toshiro Mifune (1920-1997), embora sem espadas, pois ele usa o que tem pela frente (como um jarro de mel) como instrumento de seu revanchismo.

Diante do moralismo que vem estagnando a produção de longas-metragens do veio "polícia x ladrão" e empapando os filmes de super-heróis de infesta coerção, a figura impávida de Dalton cai como injeção de anticorpos. É um resgate para uma forma vívida de testar os ideais de mundo que entortaram o molde do "guardião", do "salvador", do "escolhido", abrindo uma reflexão lúcida sobre nossos desamparos. Essa força vem do molde oferecido a Gyllenhaal pelo roteiro de Anthony Baarozzi e Chuck Monday, fotografado de forma nevrálgica, sob a perspectiva dos golpes. É o trabalho mais radical de Liman com a imagem em movimento, sob as diretrizes da adrenalina.

vivido pelo astro rei lusitano Joaquim de Almeida.

A atriz portuguesa Daniela Melchior entra em cena no papel da médica Ellie. O destaque da produção cabe ao ídolo do MMA Conor McGregor, bem escalado para viver o vilão Knox, capanga ferrabrás de Brandt.

Liman se saiu bem no rastro da ação antes, ao abrir a franquia "Jason Bourne", em 2002, e ao rodar "Sr. & Sra. Smith", em 2005, com Angelina Jolie e Brad Pitt. Com o aclamado "Swingers: Curtindo a Noite" (1996) em seu currículo, ele foi indicado à Palma de Ouro de Cannes, em 2010, com "Jogos de Poder", e emplacou a cultuada sci-fi "No Limite do Amanhã", há dez anos, fazendo Tom Cruise ir ao futuro e voltar dele.

É um realizador sofisticado no trato com sequências de luta, tiro e correria. Mas, ao assumir um posto antes confiado a Nick Cassavetes ("Um Ato de Coragem"), ele lambuzou as mãos na

Exibido na abertura de Cannes, há seis anos, o melodrama ‘Todos Já Sabem’ se reinventa nas plataformas digitais ao chegar à MUBI nesta terça

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Dos muitos aforismos que o diretor baiano Glauber Rocha (1939-1981) consagrou em vida, há uma frase que se aplica bem ao doído “Todos Já Sabem”, disponível a partir de hoje na grade da MUBI: “Deus perdoa; a História, não”. Pois foi o fluxo do tempo que redimiu um longa-metragem de CEP espanhol, mas de DNA iraniano, com Penélope Cruz, Javier Bardem e Ricardo Darín.

Há um meme que corre pela internet, nas redes sociais, ligado à projeção desse melodrama no abre-alas do Festival de Cannes de 2018, no qual Bardem dá um pito em um jornalista que pergunta a ele sobre o que significa desfrutar da companhia de sua mulher também no trabalho. Sua resposta é: “A pergunta é de um mau gosto...!”. Porém, esse longa, que hoje se candidata a cult nas plataformas digitais, no www.mubi.com, vai além dessa e de muitas outras polêmicas. Há potência em sua dramaturgia.

Ganhador de dois Oscars de melhor filme estrangeiro - por “A Separação”, em 2012, e por “O apartamento”, em 2017 -, o diretor Asghar Farhadi, do Irã, amargou ressaca pela fria recepção ao filme, há cinco anos. Trata-se de um experimento autoral com indisfarçável

Reinvenção de um filme maldito

Divulgação



O melodrama de Asghar Farhadi abriu o Festival de Cannes em 2018, mas não obteve o reconhecimento esperado

vocação popular que nasceu dos esforços do produtor francês Alexandre Mallet-Guy (de “Sono de Inverno”) para internacionalizar a estética que Farhadi começou a esculpir em solo iraniano.

Havia uma ideia de que ele filmasse uma história com foco em Berlim, com suporte financeiro da França, mas a Espanha logo apareceu como foco para esta produção de â, ~10 milhões.

Sua trama, devastadora, fala sobre um ex-casal fraturado por conflitos de classe social que se reencontra, anos depois, quando os dois estão casados e a filha dela (Penélope) desaparece. Esperava-se que esse enredo, que une Marx, abraços partidos, um cenário idílico e uma reflexão moral sobre o dever rendesse um fenômeno de bilheteria. Sua arrecadação, contudo, não passou de US\$ 13,8 milhões. O longa também

não se converteu num chamariz de Oscars. Nada disso, contudo, tira de o brilho e a potência deste longa com pecha de fracassado.

“A culpa é um motor para segredos e angústias, e é um mal que cria metástase no tempo”, disse Farhadi ao Correio da Manhã, quando o projeto era finalizado. “A Espanha é personagem na forma como eu vejo o mundo. Fiz este filme para mostrar que, embora alguns prédios sejam tombados e outros sejam reerguidos, mesmo nos rincões do interior de um país ibérico, as tradições mais ancestrais ficam intactas, mesmo aquelas que nos cerceiam, ou que levam à intolerância, como a honra, que é o motor dos conflitos aqui ou em qualquer seio familiar, do Irã ou do Ocidente”.

Com a fama que alcançou a partir da conquista do Urso de Ouro, em 2011, por “A Separação”,

Farhadi conseguiu atrair o casal Penélope e Bardem para o projeto, mesmo sem falar nada em espanhol. “Existem valores nesse filme que são universais. Deus é um deles, que entra em cena como força de sustentação afetiva”, disse Darín ao Correio.

Fotografado pelo habitual parceiro de Pedro Almodóvar José Luis Alcaine, “Todos lo Saben” (título original) tem como seu eixo um rapto. Em visita à sua família na Espanha, depois de anos morando na Argentina, Laura (Penélope) tem sua filha adolescente sequestrada. Seu marido, o ex-alcoólatra (salvo do vício por Deus) Alejandro (Darín), ficou por aqui pela América do Sul. Resta a ela contar com um ex-namorado do passado, hoje casado: Paco (Bardem), que comprou terras outrora pertencentes ao pai de Laura. A entrada de Darín foi consequência do sucesso

do longa argentino “Relatos Selvagens” (2014), do qual ele é parte do elenco. Seu nome é hoje um sinônimo de sucesso na Europa.

Ao longo da primeira hora de “Todos Já Sabem”, percebe-se que existe uma revelação a ser feita por Laura (Penélope) a Paco, um amor de ontem, vivido por Bardem. O que vai ser contado fede a obviedade. Mas como o longa segue trilhas inusitadas em seu passeio pelas bodegas, quintas e paíóis de feno de Torrelaguna, um município de 4,7 mil habitantes ao norte de Madri, espera-se que essa sensação incomoda de que há algo óbvio no ar vá cair por terra – mas não cai. Estamos diante de uma “volta do filho pródigo” (filha, no caso) classicamente bíblica: o regresso de Laura. No filão em que a trama se insere, o folhetim, não se pode temer o excesso. Ele transborda, e encanta.

Inspirado no clássico de Khalil Gibran, 'O Profeta' retorna ao Rio em curtíssima temporada no Teatro Clara Nunes.

O livro "O Profeta", de Khalil Gibran, completou 100 anos em 2023 e já foi traduzido em mais de 100 idiomas. Transitando em temas como o amor, filhos, trabalho, alegria, tristeza e morte entre outros, a mensagem continua tocando os corações através da jornada turbulenta e incerta do homem pela vida. A peça traz a força de suas parábolas permeadas por uma trilha ao vivo, baseada em pesquisas sobre a música árabe clássica e folclórica.

Sucesso de público, o espetáculo, que não tem patrocínio, já foi apresentado no Rio de Janeiro, Fortaleza, Belo Horizonte, Belém, São Paulo, Cuiabá e, agora, virá novamente ao Rio em abril. Essa montagem repete a parceria entre o diretor e a autora iniciada em "Helena Blavatsky, a voz do silêncio".

Luiz Antônio, indicado ao Prêmio Shell em 2019 pela montagem de "Paulo Freire, O Andarilho da Utopia", diz que "O Profeta" é uma peça de rara beleza: "A força de suas parábolas, a poética musicalidade e a profundidade de seus conceitos são um bálsamo nos dias de hoje. O amor é o fio condutor da história e nos faz redescobrir o papel do coração".

Lúcia Helena Galvão relata que quis homenagear Khalil Gibran e escolheu "O Profeta" por ser sua obra prima. "O profeta está enraizado na própria experiência do autor como um imigrante e serve de inspiração para qualquer um que se sintá à



'O Profeta' é protagonizado pelo músico e cantor libanês Sami Bordokan, pesquisador de música árabe clássica e folclórica

Reflexões sobre a existência humana sob a ótica muçulmana

deriva em um mundo em fluxo. A vida e os pensamentos de Khalil Gibran se entrelaçam com as nossas vidas e compõem parte

importante do que somos", diz a autora.

No papel título, está o músico e cantor libanês Sami Bor-

dokan que é pesquisador de música árabe clássica e folclórica e tem um estilo único de tocar o alaúde e de cantar. Em cena,

Sami está acompanhado de seu irmão William Bordokan que apresenta uma variedade de sons e ritmos, utilizando instrumentos ancestrais como o alaúde, a flauta nay, a rabab e a derbak. Os dois assinam a direção musical do espetáculo.

Em doze ensaios poéticos, a história desafia o vazio e descortina a beleza da vida em questões profundas abordadas com a ternura e a sabedoria que vem do Oriente. Numa atmosfera de enlevo e encantamento, a peça é um convite para sermos dignos da vida e a viver ao nível do que há de mais elevado em nós.

SERVIÇO

O PROFETA

Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Cávêa)

De 5 a 7/4, sexta e sábado (2h30) e domingo (19)

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Um campeão literário

Lembre sete obras essenciais de Stephen King, que estreou na literatura em 1974

Reprodução



Stephen King, um dos dez autores mais traduzidos no mundo

O escritor americano Stephen King completa 50 anos de carreira literárias neste 2024, que marca meio século da publicação de sua estreia com “Carrie, a Estranha”. O autor prolífico, um dos dez mais traduzidos do mundo e com mais de uma dezena de adaptações em filmes e séries, se notabilizou por histórias assustadoras de suspense sobrenatural e continua em plena atividade aos 76 anos.

Hoje sua editora no Brasil é a Suma, selo do grupo Companhia das Letras que já tem mais de 70 livros do autor no catálogo, publicou recentemente o romance “Conto de Fadas” e relançará seu “Do-ores Claiborne”.

Lembre a seguir sete dos livros mais emblemáticos da extensa obra do autor.

1

CARRIE, A ESTRANHA (1974)

O livro com que o autor começou sua carreira já trazia algumas de suas principais características: narrativa com tensão psicológica, perigos sobrenaturais, adolescentes vulneráveis e muito sangue.

A obra foi adaptada dois anos depois do seu lançamento por Brian De Palma, com Sissy Spacek, e se tornou um dos filmes de terror de maior sucesso de todos os tempos.

2

O ILUMINADO (1977)

Adaptado por Stanley Kubrick em um filme clássico com Jack Nicholson, o livro conta a história de um escritor frustrado que leva a família a um hotel isolado pela neve e passa por um processo gradual e desconcertante de enlouquecimento - chegando até o limite.

3

CUJO (1981)

Em outro caso simbólico da habilidade de King de transformar histórias simples em narrativas tensas no fio da navalha, um cachorro são-bernardo outrora gentil é mordido por um morcego e se transforma em uma fera assassina.

4

O CEMITÉRIO (1983)

Um casal com dois filhos se muda para uma cidade pacata quando o pai é transferido, mas a nova moradia está num local perto de um cemitério macabro e improvisado em que crianças enterravam seus animais mortos. Um dos livros

mais aterrorizantes e sombrios de King, também foi adaptado para as telonas em 1989, em “O Cemitério Maldito”.

5

IT: A COISA (1986)

Sete crianças são assombradas por uma entidade assassina que incorpora os maiores medos daqueles que o veem - para os protagonistas, ela aparece como o palhaço Pennywise. O livro foi adaptado em dois filmes de terror de sucesso em 2017 e 2019, com Bill Skarsgård no papel do vilão, depois de um telefilme em 1990 com Tim Curry vivendo o palhaço.

6

MISERY: LOUCA OBSESSÃO (1987)

Este é um romance que não tem nada de sobrenatural, mas não deixa de ser menos assustador. Uma fã ardorosa resgata seu escritor favorito em sua cabana no meio do nada e o obriga a escrever. Ao longo do livro, descobrimos que o resgate, na verdade, foi um sequestro, e a mulher é mais ensandecida - e violenta - do que parecia. Nos cinemas, ficou célebre pela adaptação com Kathy Bates, no papel da fã. Em São Paulo, segue em cartaz a adaptação teatral da obra, com Mel Lisboa, Marcello Airoldi e Alexandre Galindo, no Tuca.

7

NOVEMBRO DE 1963 (2011)

Raro romance histórico e político de King, não deixa de ter um pé na fantasia: um professor volta no tempo com o objetivo de impedir o assassinato de John Kennedy, no dia 11 de novembro de 1963, e a trama de aventura evolui para um dos maiores catataus escritos pelo americano.

CRÍTICA / RESTAURANTE / BLUE NOTE RIO

Porque é sábado

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Um amigo super querido, o grande jornalista Carlos Lemos, me dizia que um dos melhores programas da vida era prainha, depois uma feijuca, um sonequinha, uma namorada, um cineminha e depois cum chopinho. Tudo no diminutivo, posto que somos cariocas da gema. Jamais fizemos porque não aguento praia. Mas uma feijoada, com samba, batida de limão de boa cachaça e o mar de Copacabana é imbatível. A feijoada do Blue Note aos sábados é um programa imperdível

Assim fomos eu e Denise, minha amiga paulista que adooooora uma feijoada, conferir a do Blue Note. Chegamos cedo, por volta de uma hora e guardamos o lugar para o Jose Padilha, o maior sommelier de cerveja, e sua doce Luciana. O que foi ótimo porque fomos trocando impressões. Luciana e Denise pediram caipirinha de vodca e eu e Padilha de cachaça. A carta do Blue Note é bastante razoável.

A feijoada fica nos réchauds em um canto, com uma decoração que já nos anima. Nos réchauds, as carnes vêm separadas por temas: carne seca/lombo, rabinho e etc em outro, paio e linguiças. Feijão com tudo, feijão sem tudo, caldinho de feijão (que tinha o sabor mais con-



A feijoada do Blue Note funciona no esquema self-service

centrado dos três). Depois a couve, laranja, arroz farofa, linguicinha frita, bacon micro, aipim. E na verdade é, praticamente, salve-se quem puder resistir a tudo isso.

Cada um fez o seu de forma individual, ainda que tenhamos repetido. Fui de caldinho de feijão, lombo, paio, farofa, bacon. Denise prefere carne-seca com couve. Luciana colheu de tudo

um pouco e Padilha fez também caldinho de feijão. Tudo estava muito para todos.

Ah! E o samba???? O samba é de mesa, praticamente sem som, fica lá fora para se apreciar a brisa do mar. Vai percorrendo o ótimo repertório, enquanto se joga conversa fora como gostamos em momento de lazer e preguiça. E aí lembramos de Vinicius

de Moraes: merecemos o melhor porque era sábado.

SERVIÇO

BLUE NOTE RIO
Av. Atlântica 1910 - Copacabana
De terça a quinta (17h às 0h30), sextas (17h às 2h), sábados (12h às 2h) e domingos (12h às 23h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Alguma coisa acontece

O Amadeus está nos Jardins, São Paulo, em uma casa sobrevivente à especulação imobiliária. Ana e Tadeu Masano nos recebem com a equipe de salão de atendimento perfeito e cozinha impecável de Bella Masano. Foi uma viagem bem sucedida às ostras de criadouro próprio, vieiras importadas, cuscuz paulista, couvert, a berinjela ralada tipo pickles, pasteisinhos, camarões de um palmo. Harmonia, criatividade, tradição, pratos com preparo ímpar fazem da ida ao Amadeus, para quem é time camarão e preza grandes lugares uma experiência única e inesquecível.

O 50 Top Pizza chegou

O 50 Top Pizza, principal guia de pizzarias artesanais do mundo, chegou na América Latina e o Rio foi a cidade escolhida para receber a primeira edição do evento. Criado em 2017, o 50 Top Pizza se expandiu, ao longo dos anos, para outros países da Europa, além de Estados Unidos, Ásia e, este ano, para a América Latina. O evento de premiação acontece no dia 17 de abril de 2024, no Instituto Italiano di Cultura, em parceria com o Consulado Italiano. Em seguida, haverá uma festa, na Pizzaria Bráz, no Jardim Botânico.

Divulgação



Divulgação



Waffle no Leblon

O Nusa Café chega à Rita Ludolf, no Leblon, com o seu conceito de waffles diferenciados e deliciosos. O Waffle Pão de Queijo é exclusivo da casa, com massa pão de queijo e dois acompanhamentos, entre: húmus de beterraba, guacamole, geleia e cream cheese. Já o Waffle Nusa é sem glúten e coberto por frutas frescas, geleia, pasta de amendoim da casa e mel. Há ainda a versão Waffle Nusa Salgado servido com manteiga, guacamole, bacon, um ovo frito e maple. Na ala dos sanduíches, destaque para o No Waffle (sem glúten, bacon, ovo frito, guacamole e rúcula).